

**O COMPORTAMENTO DO ADVÉRBIO
NAS CONSTRUÇÕES MÉDIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
REVISITANDO SUAS CARACTERÍSTICAS**

Jilvan Evangelista da Silva (CAPES/UFBA)

silvaje1991@gmail.com

Edivalda Alves Araújo (UFBA)

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o comportamento do advérbio nas construções médias do português brasileiro – português brasileiro, buscando uma caracterização descritiva para os dados encontrados no português brasileiro, que ora exige um adjunto adverbial, ora o dispensa. Isso ocorre porque algumas línguas, como o francês e o grego, não precisam de advérbio para formar as médias, embora outras línguas exijam a presença do mesmo, como é o caso do inglês e alemão. Para isso, apresentamos também a construção ergativa, que são semelhante às médias, mas que dispensam adjuntos, juntamente para comparar a presença/ausência de adjunto com o tipo de construção, verificando se na falta de adjunto a construção permanece como média ou passa a ser ergativa. O suporte teórico para a discussão é baseado nos trabalhos de Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994), Marika Lekakou (2005), Artemis Alexiadou (2014), entre outros.

Palavras-chave:

Modificadores adverbiais. Construção média. Ergatividade. Sintaxe-semântica.

1. Introdução

A construção média é um tipo de arranjo sintático semelhante à construção ergativa. Os trabalhos que se propõem caracterizá-las sempre apontam tal semelhança, isso porque as características que as diferenciam são bastante peculiares. A primeira é caracterizada por serem formadas com verbos transitivos acusativos, mas que apagam o argumento externo (AE) e alça o argumento interno (AI) à esquerda do verbo, para assumir a função de sujeito da oração; e selecionam adjunto adverbial para serem gramaticais, pois a função desse adjunto é o de retomar o agente implícito (Cf. LEKAKOU, 2005). A segunda é formada com verbos ergativos, que têm a propriedade de apagar o argumento externo e só selecionar o argumento interno, também com função de sujeito, mas tais construções não requerem adjuntos para sua gramaticalidade, embora não impossibilitem sua realização.

O objetivo não é apenas comparar as duas construções mencionadas, mas verificar como as construções médias se comportam em relação

ao advérbio no português brasileiro (português brasileiro), já que alguns exemplos parecem dispensar essa exigência de adjunto adverbial. Para isso, precisamos verificar como algumas línguas lidam com as exigências da construção média, com a finalidade de caracterizar os exemplos em que não há advérbio selecionado, mas a construção resulta gramatical no português brasileiro.

Para discutir a proposta apresentada, trazemos, na seção 2, a construção média na literatura e outras construções, como a ergativa e passiva, pois elas parecem partilhar características com a construção em questão; na seção 3, investigamos algumas línguas com o intuito de abordar a presença/ausência de modificador adverbial nas médias e verificar a situação do português brasileiro; na seção 4, revisitamos as características da construção média no português brasileiro; e, por fim, traçamos nossas considerações finais.

2. *A construção média na literatura*

A definição do que se entende por construção média é algo que ainda necessita de estudos, pois não há consenso na literatura. Isso ocorre porque alguns autores como, por exemplo, Roberto Gomes Camacho (2003), Edward Keenan e Dryer Matthew (2006) e Artemis Alexiadou (2014) reconhecem diferentes construções como média ou medial, seja a partir de aspectos semânticos ou morfossintáticos.

Roberto Gomes Camacho (2003) assume que o português dispõe de três vozes verbais, sendo elas a ativa (reflexiva ou recíproca), passiva e média. A distinção entre a voz ativa e a média está centrada na afetação do sujeito, um critério semântico. Ao seguir o posicionamento de Lyons (1979), Roberto Gomes Camacho diz que a voz média representa uma categoria flexional das línguas clássicas indo-europeias com a função de expressar estados de coisas que afetam o sujeito do verbo ou seus interesses. Seguindo essa definição, o autor defende que, no caso de o sujeito não ser afetado pela ação verbal, teríamos uma voz ativa; mas se o sujeito for afetado pela ação verbal, teríamos uma voz média. Nos exemplos abaixo, mostram-se as diferenças, a partir de um critério morfológico, três construções do português, sendo a primeira uma voz reflexiva; a segunda voz, recíproca; e a terceira, voz medial.

- (1) a. Eles se vêem *a si mesmos* no espelho.
- b. Eles se vêem *um ao outro* no espelho.
- c. Eu me levantei.

Em (1a), a construção é classificada como reflexiva porque permite a inserção do termo em destaque – *a si mesmos*. Diferentemente, em (1b), a construção é tida como recíproca porque permite o uso de *um ao outro*. O autor aponta que ambas podem ser ambíguas sem a presença dos termos inseridos, dessa maneira, as locuções destacadas são utilizadas como recurso para diferenciar a leitura entre reflexiva e recíproca, que constituem a voz ativa. Já (1c) é classificada como medial, por conta de o sujeito ser o ator que desencadeia a ação e é afetado pela mesma, pois, para Roberto Gomes Camacho, os verbos classificados como médios são os tipicamente pronominais. Sendo assim, é perceptível que voz média é uma categoria que depende de marcação morfológica, que, no caso do português brasileiro, se refere aos clíticos, principalmente, o sincrético¹³⁴ *se*. Esse critério morfológico é baseado no trabalho de Suzanne Kemmer (1994, p. 182), que enumera contextos para a realização das médias, a partir da presença de alguma marcação. Para a autora, o tipo médio está relacionado aos verbos de cuidados corporais (*lavar-se*), movimento não translacional (*virar-se*), mudança na postura corporal (*deitar-se*) etc.

Outro posicionamento é o de Edward Keenan e Dryer Matthew (2006), que apresentam as passivas no mundo e incluem construções que se assemelham às passivas – as construções médias. Os autores compararam os exemplos abaixo para diferenciá-los quanto à passiva ou média:

- (2) a. **This ship was sunk**¹³⁵.
'Esse navio foi afundado'.
- b. **This ship sank**.
'Esse navio afundou'.
- c. **This ship was sunk by the enemies**.
'Esse navio foi afundado pelos inimigos'.
- d. **This ship sank *by the enemy**.
'Esse navio afundou *pelos inimigos'.
- e. **The window broke**¹³⁶.
a janela quebrou.

¹³⁴ O termo sincrético é empregado no sentido de o clítico tomar diferentes funções, conforme o trabalho de Lazzarini-Cyrino (2015).

¹³⁵ Exemplos retirados de Edward Keenan e Dryer Matthew (2006, p. 352).

¹³⁶ Exemplo retirado de Givón (2001, p. 116).

Em (2a), temos uma passiva do tipo analítica, identificada pela locução verbal (ser + particípio) e, em (2b), com uma forma ativa, uma construção que os autores chamam de média. No entanto, não são apenas essas características, no que diz respeito à estrutura verbal, que as diferenciam, mas também a gramaticalidade delas quanto à realização do agente, como pode ser visto em (2c, d). Percebe-se que apenas a passiva admite tanto a ausência quanto a presença do agente da passiva. Já a construção média, embora retome um agente implícito, não permite a realização do argumento externo, pois isso tornaria a construção agramatical, conforme o exemplo (2d).

Assim como Edward Keenan e Dryer Matthew (2006), Givón (2001) também caracteriza como construções médias as realizadas com verbos do tipo *break* (quebrar), como evidenciado no exemplo em (2e). Para Givón, uma mudança de foco do agente em verbos semanticamente transitivos forma a construção média. Essa caracterização pelo parâmetro semântico iguala as médias às ergativas.

Curiosamente, os três autores não distinguem as construções ergativas e médias, conforme apresentado em uma vasta literatura (KEYSER e ROEPER, 1984; LEKAKOU, 2005; CONDORAVDI, 1989). Isso ocorre por conta de algumas características, como a presença obrigatória de um adjunto adverbial – nas médias –, e quanto ao aspecto verbal, a ação é pontual – nas ergativas –, e não pontual nas médias, para que se tenha uma interpretação genérica.

(3) a. O copo quebrou.

b. Esse carro vende fácil. / o copo quebra fácil

Em (3a), a ação é pontual, pois entende-se que *o copo* já está quebrado, ou seja, a ação foi finalizada. Já em (3b), não há pontualidade na ação, levando a uma interpretação genérica, por exemplo, o carro é do tipo que é vendido com facilidade, independentemente de marcação temporal, em outras palavras, o tempo interfere na distinção das duas construções em questão.

Artemis Alexiadou (2014) tem outra proposta de caracterização, assumindo que existe, em (4), uma variante intransitiva da alternância de sua forma transitiva, caracterizada pela (i) falta de referência temporal específica; (ii) um compreensível, mas não expresso agente; e (iii) a inclusão de um elemento adverbial ou modal em algumas línguas.

- (4) *Afto to vivlio*_[AI] *diavazete efxarista*
This the book read-NAct-Imperf-3sg with pleasure
“This book reads with pleasure”.

O exemplo do grego em (4) segue as características adotadas pela autora e são, também, encontradas no português brasileiro (português brasileiro): o DP – argumento interno – assume a função de sujeito, mas nunca é um sujeito agentivo; o verbo toma uma forma intransitiva, já que ocorre o apagamento do argumento externo; e há uma inserção de um elemento modificador.

2.1. A ergatividade

Um fato curioso entre o que se considera por construção média e construção ergativa é que elas são semelhantes do ponto de vista estrutural, já que ambas apagam o argumento externo e alçam o argumento interno à posição de sujeito, à esquerda. No entanto, como podemos comparar nos exemplos abaixo, o tipo verbal as diferencia – verbos ergativos nas construções ergativas e verbos transitivos acusativos nas médias.

- (5) a. As crianças_[AE] *quebraram* os copos_[AI].
b. O vento_[AE] *abriu* a porta_[AI].
c. Os copos_[AI] *quebraram*.
d. A porta_[AI] *abriu*.
(6) a. As crianças_[AE] *compraram* doce_[AI].
b. *Os doces_[AI] *compraram*.
c. Esses doces_[AI] *vendem* nas Americanas.
d. As Americanas_[AE] *vendem* esses doces_[AI].

Em (5c-d), encontramos verbos ergativos, que alçam seus argumentos internos à esquerda do verbo, porque precisam preencher a posição do caso nominativo, que fica disponível por conta da não realização do argumento externo, característica própria desse tipo verbal.

A checagem de caso não altera o papel temático da construção, conforme a teoria temática. Dessa forma, o argumento interno continua sendo paciente e o agente não é obrigatoriamente licenciado, visto que o causador possa ser [+ agentivo], conforme (5a), ou [- agentivo], como em (5b).

Já os verbos que ocorrem em (6) são do tipo transitivo acusativo, ou seja, selecionam tanto argumento externo quanto interno. No entanto, o argumento externo do exemplo em (6c) não foi realizado, levando o argumento interno à esquerda do verbo, para satisfazer o preenchimento da

posição de sujeito. Se observarmos bem, esses verbos, que são transitivos acusativos, passam a assumir propriedades diferentes, parecendo se assemelhar aos verbos ergativos. Tal fato requer uma investigação do que está ocorrendo com os verbos transitivos no português brasileiro.

Em suma, os verbos que licenciam a construção média são do tipo transitivo acusativo e os verbos que licenciam as construções ergativas são do tipo ergativo – que permitem o apagamento do argumento externo e, conseqüentemente, a alternância do argumento interno como sujeito gramatical. Estes são fatos universais, encontrados em todas as línguas. É importante apontar que a distinção entre verbo acusativo e ergativo não é simples, como vimos acima, pois muitos verbos que ocorrem nas médias, também ocorrem nas ergativas.

2.2. A relação das construções médias com a passiva pronominal

A passiva pronominal é uma construção do português que tem a característica de apagar o argumento externo e apenas o argumento interno é realizado *in situ*. Além disso, é necessário que o clítico *se* seja realizado e haja concordância entre o predicador e o argumento interno, que passa a ser sujeito, já que preenche o caso nominativo, conforme o exemplo em (7):

(6) *Vendem-se apartamentos*_[AI].

Em (7), o verbo *vender* seleciona seu argumento interno – *apartamentos* – e o *se* entra na estrutura passiva para suprimir os traços do argumento externo, que é apagado e não pode ser realizado. Como pode ser observado, o verbo não é ergativo, mas sim do tipo transitivo acusativo, o que quer dizer que não há a possibilidade de o argumento interno ser alçado à esquerda do verbo. O interessante é que esse mesmo verbo pode ocorrer na construção média, como em (8):

(8) *Esse carro*_[AI] *(se) vende fácil*. (*português brasileiro / PE_{OK})¹³⁷

Comparando os exemplos (7) e (8), o argumento interno do exemplo em (8) permite ser alçado à esquerda do verbo, apesar de necessitar de um modificador, neste caso, *fácil*, para torná-la gramatical. Veja que o *se* está entre parêntese porque é opcional no português europeu, seguindo a proposta de Inês Inês Duarte (2003), embora, no português

¹³⁷ A presença do *se*-médio está disponível para a gramática do português europeu, mas não para o português brasileiro, visto que a presença do *se* dá uma interpretação reflexiva à sentença.

brasileiro (português brasileiro), as construções médias sejam licenciadas sem a presença do *se*¹³⁸, que diferentemente do *se*-apassivador em (7), é chamado de *se*-médio, apontando mais uma função para o sincretismo do *se* no português.

As duas estruturas são formadas pelo mesmo tipo de verbo – transitivo acusativo. O que as diferencia é sua estrutura gramatical. Nas passivas pronominais, o agente não é realizado, pois está implícito na estrutura, visto que *apartamentos* não podem se vender. Nas médias, o agente também está implícito, podendo ser recuperado pela presença do modificador adverbial, que terá a função de recuperar o agente implícito, segundo Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994). Quanto ao *se*, as médias não necessitam desse pronome para sua gramaticalidade, como pode ser verificado no português brasileiro, que não licencia mais o *se* nas médias, enquanto que a passiva pronominal depende desse pronome na sua estrutura, pois é realizado para marcar o argumento externo, que teve seus traços esvaziados pelo *se*¹³⁹.

3. *Presença vs ausência de modificador*

Nas seções anteriores, apresentamos as características das construções que têm alguma relação com as construções médias. Pode-se verificar que a construção ergativa não depende de modificador para seu *status* de gramaticalidade, muito menos as passivas pronominais. Entretanto, as construções médias só são licenciadas com a presença de algum modificador, por exemplo, um advérbio. Essa presença é requisitada porque os advérbios que nelas ocorrem têm a função de retomar o agente implícito, conforme Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994).

- (9) a. Esse livro_[AI] lê rapidinho.
b. *Esse livro_[AI] lê.

Em (9a), o argumento interno foi açado à esquerda do verbo, assumindo a função de sujeito [- agente] e um modificador adverbial entra

¹³⁸ O SE no português é sincrético, pois assume diferentes funções morfossintáticas. Para mais detalhes sobre o sincretismo do SE, indicamos a tese de Lazzarini-Cyrino (2015).

¹³⁹ É necessário mencionar que as passivas pronominais não são de realização corrente no português brasileiro, conforme Nunes (1991). Esse tipo de construção só ocorre no português brasileiro em contextos formais, devido ao ensino formal da língua pela escola, que toma como base a gramática do português europeu.

na estrutura para que se tenha uma interpretação média. O mesmo não ocorre em (9b) porque não tem como recuperar o traço de agente sem a presença desse modificador, ou seja, sem o advérbio parece que o livro desencadeia a ação, o que não é possível, por isso é agramatical. Sendo assim, parece que a presença do advérbio é indispensável para se ter uma interpretação média.

Marika Lekakou (2005) fez um estudo sobre o modificador *easily* (facilmente) nas construções médias para mostrar que sua presença não é universal nas línguas, ou seja, é de ordem paramétrica. Ao observar línguas como o grego e o francês, a autora chega à conclusão de que elas não necessitam de modificadores de qualquer ordem, o que não ocorre com o inglês e o alemão, que sem a presença de um modificador passam a ser agramatical, conforme os exemplos retirados Marika Lekakou (2005):

- | | | | |
|------|--|---|----------------|
| (10) | a. This book reads easily.
esse livro lê facilmente | } | INGLÊS |
| | b. *This book reads.
esse livro lê | | |
| (11) | a. Das Butch liest sich leicht.
esse livro lê se facilmente | } | ALEMÃO |
| | b. *Das Butch liest sich
esse livro lê se | | |
| (12) | Cette 953acine se mange.
essa raiz se come | → | FRANCÊS |
| (13) | Afta ta manitaria trogonde.
esses os cogumelos comem <small>NACT. 3P</small>
'Esses cogumelos comem'. | } | GREGO |

Comparando os exemplos (10) e (11), pode-se perceber que o inglês e o alemão têm uma orientação paramétrica semelhante quanto à formação da construção média, ambas exigem a presença do modificador adverbial, pois, como já mencionado, esse advérbio tem a função de retomar o agente implícito da ação verbal. Mas, se observarmos os exemplos (12) e (13), temos outra análise. O francês não necessita de modificadores adverbiais para retomar o agente implícito, tampouco o grego. A questão que se coloca é a de como a retomada do agente é feita, já que essas línguas dispensam o advérbio.

Observemos os exemplos do grego em (14) e (15):

(14) *Afto to vivlio diavazete efxarista akomi li apo megalus.*
esse o livro lê_{NACT 3P} com prazer até pelos adultos
‘Esse livro lê com prazer até pelos adultos.

(15) *Ces étoffes se repassent facilement part tout le monde.*
esses tecidos passam facilmente por todo mundo.
‘Esses tecidos passam ferro por todo mundo.

Em (14) e (15), o comportamento sintático dessas construções médias são semelhantes às passivas, já que é permitida a realização do agente da passiva através do sintagma preposicionado *por*. Isso explicaria o fato de essas línguas dispensarem modificadores. O mesmo não se aplica ao português ou ao inglês, por conta do impedimento de realização do agente da passiva através do sintagma *-por*.

(16) *Essa parede_[AI] pinta fácil *(pelos funcionários).*

Em (16), observamos que a presença do sintagma *por* na construção média do português não é permitida, podendo este sintagma ocorrer apenas nas passivas analíticas.

De maneira geral, constata-se que as construções médias não apresentam características universais nas línguas, mas sim de ordem paramétrica. Algumas línguas proíbem a realização do argumento externo e necessitam a presença de modificador adverbial, enquanto que outras dispensam o modificador e, tanto quanto à passiva analítica, permite a presença do argumento externo. Dessa forma, verifica-se a necessidade de observar o comportamento do português quanto a essas questões.

3.1. A situação do português

Inês Duarte (2003) afirma que a presença de um adjunto adverbial ou um sintagma preposicionado com valor adverbial é necessário nas construções médias, o que não é obrigatório nas ergativas, que a autora chama de variante inacusativa dos verbos causativos, conforme os exemplos:

(17) *A tua_[AI] letra lê-se bem.*

(18) *A manteiga_[AI] derreteu.*

(19) *A manteiga_[AI] derreteu logo.*

Em (17), temos uma construção média, pois o argumento interno foi alçado à esquerda do verbo – transitivo acusativo –, há a presença do *se*, que é opcional tanto no português brasileiro, quanto no português eu-

ropeu, e um advérbio, exigência da construção média. Já em (18), temos uma construção ergativa, primeiramente, o verbo é do tipo ergativo e não há a presença de advérbio. Mas isso não é suficiente para distingui-las, dado que a construção ergativa também admite modificadores, como em (19).

Os exemplos acima mostram que a presença ou ausência de advérbio não é o fator distintivo para as duas construções. As médias necessitam dos advérbios para retomar o agente da ação, o que não é possível nas ergativas, em que os causadores são externos, como em (18) que poderia ser *o fogo*, ou seja, não agentivo.

Artemis Alexiadou (2014) aponta que em algumas línguas esses modificadores são indispensáveis, sendo essencial verificar essa questão com relação ao português brasileiro que, aparentemente, necessita da presença de modificador. Analisemos as construções abaixo:

- (20)a. **Esse piso branco suja facilmente.**
 b. **Esse piso branco suja** []
 c. **Esse piso** [] **suja** []
 d. **#**[] **Piso** [] **suja** []¹⁴⁰

As construções em (20) mostram que a presença do adjunto adverbial não parece ser obrigatória no português brasileiro. Entretanto, esse é apenas um ponto de vista generalizado sobre o dado apresentado. Para os dados em (20), teríamos duas possibilidades de análise: (i) o adjunto adverbial – *facilmente* – não é obrigatório no português brasileiro, sendo esta língua desconsiderada do grupo que torna obrigatório o uso do advérbio, ou seja, a realização desse advérbio se daria por questões pragmáticas, levando o ouvinte a uma determinada leitura; ou (ii) o fato de *facilmente* poder ser apagado em (20b) não quer dizer que não haja algum modificador necessário para sua gramaticalidade. Isso pode ser visto se retirarmos o adjetivo – branco –, que pode ser considerado o modificador obrigatório, como aponta o exemplo em (20d). Para além disso, (20c) é gramatical, mesmo sem a presença do advérbio ou do adjetivo, o que nos leva a pensar que seu modificador é o pronome demonstrativo.

Isso nos mostra que a questão não parece estar ligada aos modificadores adverbiais, mas sim em algum elemento modificador, como o adjetivo em (20b) ou mesmo o pronome demonstrativo em (20c). Seman-

¹⁴⁰ Pode ser utilizada no português brasileiro, entretanto, apenas em contextos bem específicos, justamente por não ser de uso corrente na língua.

ticamente, a cor branca está mais apta para sujeira, ao contrário de outras cores mais escuras, ou seja, a construção é gramatical porque atende a todas as exigências, há um elemento modificador, ao contrário de (20d), que não apresenta modificadores.

Nesse caminho, o português brasileiro continua sendo diferente do francês e do grego e se mantendo no grupo de línguas como o alemão e o inglês, que exigem modificadores. A partir disso, como podemos analisar as construções abaixo?

(21) **Esse vestido abotoa.**

(22) **Esse tipo de pano estica.**

Se observarmos os exemplos em (21) e (22), podemos pensar que o único modificador disponível é o pronome demonstrativo. A leitura de (21) continua sendo média, pois é possível pensar num agente implícito, mas em (22) teríamos duas leituras disponíveis: uma ergativa e uma média. Na primeira, o pano estica por ser *frágil/de má qualidade*, sendo assim com algumas lavagens o pano vai esticar. Na segunda leitura, o pano é elástico e, por isso, estica, ou seja, necessita-se de um agente. Se essa análise estiver no caminho certo, é preciso verificar se o português brasileiro permite a não realização de modificadores em alguns casos de construção média e explicar como ocorre a retomada do agente, já que o modificador cumpriria essa função.

Sally McConnell-Ginet (1994) argumenta que algumas construções podem não realizar o modificador sintaticamente e, quando isso acontece, a informação de agente implícito é carregada pelo próprio verbo, ou seja, os verbos *abotoar* e *esticar* carregariam a informação de agente implícito, mantendo a leitura média das construções. O módulo que liberaria esse tipo de propriedade seria a pragmática, o contexto favoreceria a recuperação do agente. No entanto, essa explicação parece ser muito generalizada, já que não apresenta condicionamentos para os tipos de verbos que permitiriam a não realização do modificador. A explicação da autora é baseada em construções como:

(23)a. **This rock *does not* cut.**

b. **That piano *should* play.**

c. **Now, this car *HANDLES*.**

Em (23), há três tipos diferentes de operações: em (23a), a negação suportaria a ausência do advérbio; em (23b), o modal suportaria a mesma ausência; e em (23c), uma ênfase no verbo – motivada pelo con-

texto – recupera o advérbio na construção, para que continue a interpretação média. Verifiquemos os exemplos em (24) para o português:

- (24)a. *Esse carro vende rapidinho.*
 b. *Esse carro não vende.*
 c. *Esse carro deve vender.*
 d. *Esse carro VENDE.*

Em (24), aplicamos as mesmas operações de (23) para a construção média em (24a). Nosso objetivo é verificar se o verbo *vender* permite o apagamento do advérbio – *rapidinho*. Em (24b), incluímos a negação e verificamos que a frase é gramatical; em (24c), o modal também deixa a frase gramatical; e em (24d) uma ênfase no verbo também torna a sentença gramatical, apontando que a fonética também tem um papel importante na construção média, pois esse recurso pode ser o modificador necessário. Aparentemente, esses recursos permitem o apagamento do advérbio e mantém a interpretação média.

As operações de ênfase, inclusão de modal ou negação ainda não explicam as construções (21-22), embora a aplicação das operações a essas construções resulte em gramaticalidade. Seguindo Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994), construções médias sem a presença de modificadores só são licenciadas se houver contexto para restringir o apagamento do advérbio.

4. *Revisitando as exigências da construção média no português brasileiro*

A análise até aqui apresentada mostrou que há dois grupos de línguas: (i) o grupo de línguas como o alemão e o inglês, que dependem de um modificador nas construções médias; e (ii) o grupo que dispensa esse modificador, representado por línguas como o francês e o grego. A explicação para essa diferença diz respeito à recuperação da interpretação do agente implícito, que é recuperado no primeiro grupo a partir da presença do modificador, pois não permite a presença de um sintagma-*por*; contrário a línguas como o grego e o francês, que utilizam a estratégia das passivas analíticas na recuperação do argumento externo, através de um sintagma-*por*.

O português brasileiro, conforme discutido, não se encaixa nos dois grupos mencionados, pois parece apresentar um caso misto, ora segue a orientação de línguas que exigem o modificador adverbial, ora segue a linha de línguas que o dispensam. Um fato curioso é que o portu-

guês brasileiro dispensa o modificador, mas continua não permitindo recuperação do argumento externo representado por um sintagma-*por*. Observemos:

- (25) a. Essa calça veste **bem**.
b. A casa constrói **aos poucos**.
- (26) a. *Essa calça veste.
b. *A casa constrói.
- (27) a. Esse vestido abotoa **rapidinho**.
b. Esse tipo de pano estica **fácil**.
- (28) a. Esse vestido abotoa.
b. Esse tipo de pano estica.

Ao comparar os pares em (25) e (26), chegamos à conclusão de que não é possível dispensar o adjunto adverbial dessas construções, pois a falta desse tipo de modificador torna a construção agramatical, conforme o asterisco em (26). Todavia, os pares em (27) e (28) mostram que os adjuntos adverbiais não são necessários, embora os verbos sejam do tipo transitivo acusativo.

Ao observar os pares de (25-28), reforçamos a ideia de que o português brasileiro parece apresentar um caso misto. Por conta disso, é necessário avaliar outros fatores para compreender o motivo de esta língua permitir tanto a presença quanto a ausência de modificadores na construção média.

5. *Considerações finais*

A partir da discussão levantada, compreende-se que a análise da construção média não é tão simples quanto parece, pois, conforme o cruzamento dos dados das línguas, existe a possibilidade tanto de presença quanto de ausência de modificadores em construções desse tipo. Muitas vezes, em uma mesma língua, o modificador pode ser realizado ou não, o que implica que tal realização não é um princípio linguístico. A presença ou não desses modificadores nas construções médias faz parte do processo de variação entre as línguas, talvez um fenômeno paramétrico, seguindo a terminologia da gerativa.

Outro ponto importante de ser mencionado é quanto à exigência de advérbios ou sintagmas preposicionais com valores adverbiais para as construções médias, como aponta Inês Duarte (2003). Observamos nos dados de línguas como o francês, grego, inglês e português brasileiro que

o modificador necessário não se restringe aos advérbios, conforme Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994), uma vez que modificadores nominais ou a intervenção da fonética conseguem licenciar tais construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, Artemis. Active, middle, and passive: the morpho-syntax of Voice. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 13, p. 1-22, 2014.

CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA*, v.19, n.1, p. 91-122, 2003.

CONDORAVDI, Cleo. *The middle*: where semantics and morphology meet, MIT Working Papers in linguistics, n. 11, p. 16-30, 1989.

GIVÓN, Talmy. Middle-voice constructions. In: _____. *Syntax I*. Philadelphia: John Benjamins. 2001. p. 116-122.

INÊS DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. (org.) *Gramática da língua portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 536-539.

KEENAN, Edward; DRYER, Matthew. Passive in the World's Languages. In: SCHOPEN, Timothy. *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge. Cambridge University Press, 2007. p. 325-361.

KEMMER, Suzanne. *The middle voice*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Company, v. 23, 1993. p. 1-40.

KYSER, Keyser, S. J.; T. Roeper. On the Middle and Ergative Construction in English, *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 381-416, 1984.

LEKAKOU, Marika. Easily in the Middle. *17th International Symposium*, Aristotle University of Thessaloniki, Greece. v. 1, p. 138-147, 2005.

MCCONNELL-GINET, Sally. On the non-optionality of certain modifiers. *Proceedings of SALT 4*, p. 230-250, 1994.

SILVA, Cristiany Fernandes da; NAVES, Rozana Reigota. Construções ergativas e médias: uma distinção em termos aspectuais e semânticos. *Signotica*, UFG, v. 24, p. 520-541, 2012.